



2018

ISSN: 2359-6597

CIÊNCIA COGNITIVA DA RELIGIÃO, POSSESSÃO ESPIRITUAL E FILOSOFIA

Ana Paula Foletto Marin*

Gabriel Garmendia da Trindade**

Resumo: A Ciência Cognitiva da Religião (CCR) é um novo campo de pesquisa o qual se vale das ciências cognitivas para explicar fenômenos religiosos. O objetivo do presente artigo é examinar um tópico em particular coberto pela CCR, qual seja, a possessão espiritual. Mais especificamente, este ensaio tem como foco uma investigação realizada pela antropóloga Emma Cohen no nordeste do Brasil acerca de transferências mentais em cerimônias realizadas por membros de tradições religiosas afro-americanas, bem como as possíveis implicações filosóficas de tal estudo. Será argumentado que as pesquisas da CCR poderiam ser consideravelmente enriquecidas através de um engajamento conjunto em discussões filosóficas, sobretudo tópicos de Filosofia da Mente.

Palavras-chave: Emma Cohen. Julian Barret. Dualismo. Deslocamento. Transferência Mental.

Introdução

A Ciência Cognitiva da Religião (CCR) é um campo de investigação científico recentemente desenvolvido, cujo um dos principais intuítos é analisar fenômenos de cunho religioso. Para fazê-lo, pesquisadores examinam a estrutura cognitiva básica do pensamento e comportamento religioso, explicando, assim, a sua recorrência em culturas distintas. Entre os principais tópicos explorados pela CCR estão a transmissão de ideias religiosas, o desenvolvimento religioso em crianças, crenças espirituais e a vida após a morte, rituais religiosos, orações e possessão espiritual. Neste artigo, buscamos problematizar a investigação conduzida pela antropóloga Emma Cohen acerca do fenômeno da possessão espiritual de um ponto de vista filosófico. O artigo em si está dividido em três partes. Na

* Mestre em Philosophy of Health and Happiness pela University of Birmingham. E-mail: apfmarin@gmail.com

** Doutorando em Global Ethics no Centre for the Study of Global Ethics, Department of Philosophy, University of Birmingham. E-mail: garmendia_gabriel@hotmail.com

primeira parte, introduziremos a CCR e seus aspectos gerais. Na segunda parte, apresentaremos os estudos realizados por Cohen acerca da possessão espiritual e transferência mental. Na terceira e última parte, atentaremos para a ausência de contribuições filosóficas literárias sobre os tópicos aqui tratados e concluiremos com a sugestão de que não somente filósofos poderiam, mas também deveriam tomar parte nesse debate.

1 Uma introdução à Ciência Cognitiva da Religião

Em seu artigo “*Cognitive Science of Religion: What is it and Why is it?*” (2007), o cientista cognitivo norte-americano Justin L. Barrett reflete sobre o surgimento da CCR como uma tentativa de “cientificar” o estudo da religião. De acordo com Barrett, a CCR possui ao menos três pontos positivos que atrairiam mais pesquisadores. Em primeiro lugar, uma das vantagens do campo da CCR é que investigadores interessados em perscrutar fenômenos religiosos podem evitar o problema de definir a noção de ‘religião’ de uma forma muito ampla. Em vez disso, eles podem tratar a ‘religião’ de uma maneira mais fragmentada – i.e., ao examinar a disposição de crenças e práticas religiosas a partir de sua própria estrutura cognitiva básica. Quando tal análise é adequadamente empreendida, ela pode ser utilizada para explicar esses elementos religiosos em variadas culturas. Em segundo lugar, essa abordagem permite que pesquisadores de outras searas do saber, tais como história, antropologia, sociologia e psicologia, bem como outros campos de estudo teológico possam contribuir com a investigação de determinados fenômenos religiosos. Por último, pesquisas de CCR podem ser executadas por intermédio de uma constelação de métodos de análise, tais como etnografia, entrevistas, exames históricos e arqueológicos, bem como por meio de técnicas experimentais e abordagens de desenvolvimento interculturais – o que enfatiza ainda mais o dinamismo da área em voga.

No entender de Barrett, os inúmeros projetos da CCR poderiam ser unificados em vista do comprometimento teórico de que as estruturas conceituais humanas informam e restringem a expressão religiosa (BARRETT, 2007, p. 769). Como ele explica, não obstante o contexto cultural, a mente/cérebro humano processa informações com uma regularidade particular durante o seu desenvolvimento. A linguagem é um exemplo de regularidade funcional ou ferramenta mental, a qual é informada e limitada pela cognição. Por conseguinte, ao compreender o modo através do qual as características cognitivas dos sistemas de processamento de linguagem lidam com informações, pesquisadores podem igualmente compreender por qual razão elas assumem determinada forma. De maneira similar,

investigadores também deverão ser capazes de compreender por que pensamentos e ações religiosas assumem tal forma – dado que experiências religiosas são informadas e restringidas por ferramentas mentais.

Para ilustrar como esse aparato psíquico informa e restringe os fenômenos religiosos, Barrett delinea as descobertas de duas teorias da CCR, a saber, as chamadas correção teológica [no original, ‘theological correctness’] e contraintuitividade mínima [no original, ‘minimal counterintuitiveness’]. A primeira se refere ao fato de que o mesmo conceito religioso pode assumir formas divergentes dependendo das exigências cognitivas/conceituais do contexto. Em outras palavras, seria possível empregar conceitos teologicamente corretos ao reportar as crenças de alguém, ainda que se utilizasse conceitos teologicamente incorretos durante o processamento de informação. Por sua vez, a teoria da contraintuitividade mínima assume que para que conceitos religiosos sejam adequadamente apreendidos, memorizados e transmitidos, eles não podem ser mais do que minimamente contraintuitivos. Exemplos de ambas as teorias serão ilustrados mais adiante.

2 Investigando a possessão espiritual e cenários de transferência mental

Emma Cohen realizou uma pesquisa de longa data sobre o tema da possessão na cidade nordestina de Belém, Brasil. O seu principal objetivo era investigar os fatores que poderiam influenciar pensamentos e práticas religiosas difundidas de modo transcultural. Ademais, ela também buscou desenvolver um melhor entendimento das intuições das pessoas acerca da distinção entre mentes e corpos. Para fazê-lo, ela passou dezoito meses dentro de um único grupo de religiosos estudando suas crenças e práticas. Membros do grupo em questão frequentavam diariamente cerimônias ritualísticas, encontros sociais e sessões de cura no *terreiro* – o local onde a possessão espiritual ocorre. O líder do grupo é chamado *pai-de-santo*, enquanto os praticantes iniciados são conhecidos como *filhos-de-santo*. O ritual de possessão espiritual é visto como um momento no qual os próprios deuses se manifestam e concedem conforto e bênçãos, além de oferecer conselhos aos que frequentam o evento. Como observado no estudo, o termo ‘deuses’ era comumente substituído por ‘entidades’, englobando divindades africanas, tais como *orixás* e *voduns*, espíritos de exploradores europeus, figuras políticas da comunidade, guerreiros e espíritos *caboclos* da Amazônia (COHEN; BARRETT, 2008, p. 27). Esses e outros espíritos visitavam o terreiro regularmente.

Numa série de entrevistas com o pai-de-santo, Cohen igualmente descobriu que as entidades se manifestavam de modo diferente em médiuns distintos. Orixás e caboclos, por exemplo, exibiam manifestações variadas dependendo do médium em foco. Na pesquisa em voga é citada a fala de um pai-de-santo para descrever a possessão por uma entidade cabocla: “o caboclo ou entidade [...] é uma coisa na encantaria, ele(a) tem a sua própria personalidade. Quando ele(a) possui alguém, ele(a) se torna algo diferente – ele(a) se torna tanto si mesmo(a) quanto parte do pai-de-santo” (COHEN; BARRETT, 2008, p. 29).¹ De maneira similar, a possessão por orixás envolve a fusão de duas essências ou energias – a do orixá e a do médium. Essa combinação forma o ‘orixá pessoal’ que, então, possui o médium e anima o seu corpo. Segundo o pai-de-santo, é importante reconhecer a sua energia personalizada para que se possa entender como pode haver dois orixás de mesmo nome, no mesmo terreiro, possivelmente possuindo dois médiuns ao mesmo tempo, e por qual razão Ogum que possui indivíduo A é, em muitos aspectos, distinto de Ogum que possui indivíduo B.

Ao investigar a possessão espiritual, Cohen percebeu que esse conceito apresenta discrepâncias em culturas similares ou mesmo dentro de uma mesma religião. A pesquisa indicou que embora tenham aprendido sobre a possessão espiritual, a maioria daqueles que observam essa prática a descrevem de modo distinto daqueles que participam dela (tal como o líder do grupo). Como mencionado anteriormente, o pai-de-santo, por exemplo, descreve a possessão enquanto uma fusão de duas essências/energias em um único corpo. Ou seja, a possessão ocorre quando o espírito de uma entidade se une ao corpo de um médium, formando, assim, uma nova pessoa (possuída). Nesse sentido, as ações da pessoa possuída são concomitantemente atribuídas a ambos, entidade e hospedeiro. Por seu turno, membros de um grupo que tenham sido menos expostos à prática da possessão espiritual, ou mesmo aqueles que possuem uma posição inferior na hierarquia do grupo, descrevem a possessão como o deslocamento [no original, ‘displacement’] da mente/alma de alguém por uma entidade, de modo que ela passa a ocupar o corpo desse indivíduo – porém não a sua mente. Em outros termos, a mente/alma do hospedeiro/médium é deslocada por outra mente/alma, a qual assume o controle do corpo, tornando-se, assim, responsável por suas ações.

À luz das divergências presentes nos conceitos de possessão espiritual, poder-se-ia defender que membros do grupo observado por Cohen caíram em incorreção teológica, pois adotaram uma concepção de possessão diferente daquela ensinada pela autoridade espiritual do grupo – e.g., o pai-de-santo. Além disso, os resultados obtidos por Cohen sugerem que a

¹ Tradução realizada livremente pelos autores do texto.

ideia de possessão enquanto fusão – i.e., uma mente unindo-se ao corpo de outro – talvez se revele demasiado contraintuitiva para ser facilmente lembrada e transmitida através de culturas distintas. Por sua vez, talvez a noção de possessão enquanto deslocamento – i.e., uma alma/mente deslocando outra – possa ser ‘minimamente contraintuitiva’, tendo, dessa forma, uma maior probabilidade de ser compreendida, aceita e difundida transculturalmente (Cohen & Barrett, 2008, p. 44). Entretanto, não é claro porque a descrição de uma possessão enquanto deslocamento é oferecida mesmo em contextos nos quais ela contradiz os ensinamentos da autoridade religiosa.

Para que seja possível averiguar a natureza dessas inferências intuitivas com relação à possessão/transferência-mental, Cohen & Barrett (2008) realizaram outros dois experimentos. Os participantes de um experimento tiveram de considerar um cenário no qual a mente de uma pessoa seria transferida para o corpo de outra pessoa. A sua tarefa, então, era refletir acerca dos comportamentos, habilidades e preferências da pessoa resultante da transferência de mentes. Em um dos experimentos, esperava-se que os participantes anotassem as suas respostas dentro de uma determinada escala, enquanto no outro, eles poderiam dar respostas abertas para os questionamentos feitos.

Conforme as descobertas de Cohen & Barrett (2008), os resultados alcançados por ambos os experimentos foram bastante parecidos. Ao considerar o desempenho de uma pessoa pós-transferência em termos de capacidades físicas – tais como levantar pesos ou correr rapidamente – a maioria dos participantes argumentou que as suas habilidades físicas seriam similares às do hospedeiro. Por seu turno, o desempenho em tarefas psíquicas – e.g., expressões emocionais ou a habilidade de contar histórias – foram tomadas, em sua grande maioria, como similares às da pessoa cuja mente havia sido transplantada para o corpo. Mais especificamente, os resultados alcançados demonstraram que a maioria dos participantes entendia cenários hipotéticos de transferência mental como deslocamento. Isso significa que eles intuitivamente inferiram que quando a mente de uma pessoa migrava para o corpo de outra, é a mente do hospedeiro – a qual estava inicialmente ligada ao corpo – que é deslocada.

Haja vista que mesmo pessoas que não possuem nenhum envolvimento com práticas de possessão espiritual tendem a adotar uma concepção de possessão enquanto deslocamento, os estudos realizados acabam por sugerir, então, que essa ideia de possessão, em realidade, se fundamenta em um dualismo – i.e., a suposição intuitiva de que uma pessoa é composta de uma mente/alma e de um corpo, e que eles podem ser separados. Cohen & Barret observam que participantes dos experimentos rejeitaram repetidamente a possibilidade teórica de uma

fusão, e ofereceram explicações para as suas respostas que indicavam que tal renúncia estaria guiada por uma forma tácita e não expressa de dualismo intuitivo (2008, p. 42).

Alternativamente, em suas pesquisas, o filósofo Paul Bloom (2004) demonstrou que talvez mentes e corpos possam ser pronta e intuitivamente concebidos como existindo separadamente um do outro. Esse tipo de fundamento cognitivo inicialmente emergente pode se desenvolver em múltiplas manifestações de um pensamento dualista, o qual é facilmente observável no dia a dia, em filmes e comédias, e mais notavelmente em crenças religiosas. Tal pesquisa sugere que conceitos de possessão – tanto do tipo ‘ fusão’ e deslocamento, bem como ‘ oscilação’ – também são estabelecidos a partir desse fundamento intuitivo. Todavia, tal dualismo intuitivo não oferece respostas prontas para as questões levantadas anteriormente acerca da persistência e difusão de concepções baseadas em deslocamento, ao invés de concepções do tipo fusão. Por que, então, a ideia de deslocamento na possessão se revela como a versão mais comum entre diferentes contextos culturais? Uma possível explicação talvez seja, de fato, o dualismo intuitivo apontado, o seu caráter memorável e sua fácil transmissão. Tendo dito isso, investigações adicionais acerca da natureza dessa tendência deveriam ser conduzidas para melhor destacar os seus reais alcances e limites.

3 Um breve olhar sobre o papel dos filósofos na discussão acerca da possessão espiritual

Dada a investigação sobre possessão espiritual apresentada nesse artigo, assim como as ambiguidades que surgem dela, parece ser crucial discutir o papel que filósofos poderiam e, muito possivelmente, deveriam ter nesse debate. Deveras, é importante enfatizar que apesar de novas e contínuas inserções filosóficas em discussões sobre os aspectos científicos da religião, o tópico da possessão espiritual, longe de estar marginalizado, mostra-se completamente destituído de problematização dentro da Filosofia.

Ao mesmo tempo, nota-se, por exemplo, que se encontra disponível um grande número de publicações antropológicas e etnográficas que versam sobre os aspectos culturais do fenômeno da possessão. Entre essas publicações é possível ressaltar os estudos realizados por Jim Wafer (1991) – um dos primeiros etnógrafos a analisar a possessão espiritual no candomblé brasileiro – Paul Stoller (1997) – e a sua investigação sobre rituais na cultura Songhay – Susan Rasmussen (1995) – e a possessão espiritual em mulheres no Tuareg, Nigéria – Frederick Smith (2006) – acerca da possessão em povos sul-asiáticos. Nos campos da Teologia, Psicologia e Neurociência, podemos mencionar Clarke Garrett (1998) e a possessão espiritual do grupo chamado Shakers, e Patrick McNamara (2011), cuja fascinante

pesquisa sobre os aspectos históricos, psicológicos e neurobiológicos da possessão espiritual encontra-se dividida em dois longos volumes. Por último, não podemos deixar de citar o excelente trabalho interdisciplinar desenvolvido por Bettina Schmidt e Lucy Huskinson (2010). Em síntese, se tivermos em conta a ampla gama de reflexões e avaliações já realizadas sobre esse assunto, não há razão para que os filósofos se mantenham distantes de um diálogo multidisciplinar tão relevante.

Levando em consideração a ausência de filósofos nessa discussão, nos parece que as investigações conduzidas por pesquisadores da CCR poderiam ser vastamente enriquecidas se fossem desenvolvidas tendo em mente as grandes problematizações filosóficas relacionadas. Por exemplo, clarificações conceituais de termos como ‘mente’, ‘corpo’, ‘alma’, ‘espírito’ e ‘consciência’ elaboradas por filósofos não apenas poderiam minimizar as ambiguidades da literatura da área, mas igualmente propiciariam novos desdobramentos na temática do dualismo intuitivo. Além disso, a pesquisa científica acerca das práticas transculturais relacionadas à possessão espiritual poderia ser simultaneamente beneficiada e contribuiria para o contínuo estudo do tema da identidade pessoal. Questões como “O que torna alguém a pessoa que ela é?” e “O que significa ser uma pessoa?”, por exemplo, talvez possam avançar positivamente as problematizações concernentes aos diferentes problemas que emergem da noção de possessão espiritual. O fato é que a possessão espiritual se revela um tópico extremamente fértil que exige mais análises aprofundadas. Em última instância, a confluência da CCR e a Filosofia não somente resultaria em possível progresso para ambas as áreas, mas também ajudaria a lançar luz a alguns dos questionamentos mais básicos e tradicionais que a humanidade já levantou.

Conclusão

Este artigo teve como intuito introduzir e problematizar a CCR, assim como a pesquisa etnográfica realizada por Emma Cohen no nordeste brasileiro. O objetivo das investigações conduzidas por Cohen tinha uma natureza dupla: (A) averiguar os fatores cognitivos que influenciam na disseminação do pensamento religioso e, mais precisamente, a prática no terreiro; (B) desenvolver uma compreensão mais refinada de nossas intuições acerca da possessão espiritual. Cohen concluiu que não obstante terem sido ensinados as mesmas coisas acerca do fenômeno da possessão, aqueles que observam um ritual de possessão e aqueles que participam dele descrevem o processo de modos distintos – seja como fusão ou deslocamento. A pesquisa de Cohen igualmente demonstrou que indivíduos que não possuem conhecimentos

referentes às práticas de possessão espiritual compreendem o conceito de possessão em termos de deslocamento. Tal noção estaria fundamentada no dualismo – i.e., a ideia de que uma pessoa é composta de uma mente/alma e de um corpo, e que ambos são separáveis. Também foi pontuado no presente texto que filósofos se encontram ausentes da discussão acerca da possessão espiritual e que a CCR poderia se beneficiar enormemente de inputs filosóficos sobre tal tópico. Esclarecimentos e qualificações conceituais de termos tais como ‘mente’, ‘corpo’, ‘alma’, ‘espírito’ e ‘consciência’ oferecidos por filósofos poderiam auxiliar significativamente no debate sobre o dualismo intuitivo, o qual constitui a base do pensamento acerca da possessão espiritual e casos de transferência mental.

Referências

BARRETT, Justin L. Cognitive Science of Religion: What is it and Why is it? **Religion Compass**, v.1, n.6, p.768-786, nov. 2007;

COHEN, Emma. **The Mind Possessed: The Cognition of Spirit Possession in an Afro-Brazilian Religious Tradition**. New York: Oxford University Press, 2007;

COHEN, Emma. What is Spirit Possession? Defining, Comparing, and Explaining Two Possession Forms. **Ethnos**, v.73, n.1, p. 1-25, mar. 2008;

COHEN, Emma; BARRETT, Justin L. When Minds Migrate: Conceptualizing Spirit Possession. **Journal of Cognition and Culture**, v.8, n.1-2, p.23-48, abr. 2008;

GARRETT, Clarke. **Spirit Possession and Popular Religion: From the Old World to the New World: Origins of the Shakers**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998;

MCNAMARA, Patrick. **Spirit Possession and Exorcism: History, Psychology, and Neurobiology**. 2 Volumes. Westport: Praeger Publishers, 2011;

RASMUSSEN, Susan, J. **Spirit Possession and Personhood among the Kel Ewey Tuareg**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995;

SCHMIDT, Betina E.; HUSKINSON, Lucy (eds.). **Spirit Possession and Trance: New Interdisciplinary Perspectives**. New York: Continuum, 2010;

SMITH, Frederick M. **The Self Possessed: Deity and Spirit Possession in South Asian Literature and Civilization**. New York: Columbia University Press, 2006;

STOLLER, Paul. **Fusion of the Worlds: An Ethnography of Possession among the Songhay of Niger**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997;

WAFER, Jim W. **The Taste of Blood: Spirit Possession in Brazilian Candomblé**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.